

Como um jovem americano
levou paz—e uma vida melhor—
aos silvícolas da fronteira entre
a Colômbia e a Venezuela

Bruce Olson e os Motilones Assassinos

Condensado de PERUVIAN TIMES
SCOTT E KATHLEEN SEEGER

SEM QUALQUER aviso a flecha assassina sibilou na selva venezuelana e perfurou a perna de Bruce Olson, de 21 anos. Bruce correu apavorado, tropeçou na flecha de 1,20 m e caiu. Um rosto de aspecto oriental, de olhos negros, apareceu entre as fôlhas, olhando impassivelmente de trás de um arco retesado. Atrás dêle estava outro índio.

Bruce Olson tinha realizado seu sonho: encontrara os motilones, talvez os assassinos mais implacáveis de tôdas as tribos selvagens da América do Sul. Desde o comêço do século sua ferocidade havia impedido a exploração e o desenvolvimento de alguns milhares de quilômetros quadrados de selvas ricas em petróleo e rios barulhentos que êles reclamavam como seus, ao longo da fronteira colombiano-venezuelana. Pou-

co se sabia sôbre os motilones pela simples razão de que quase sempre êles matavam todos os invasores.

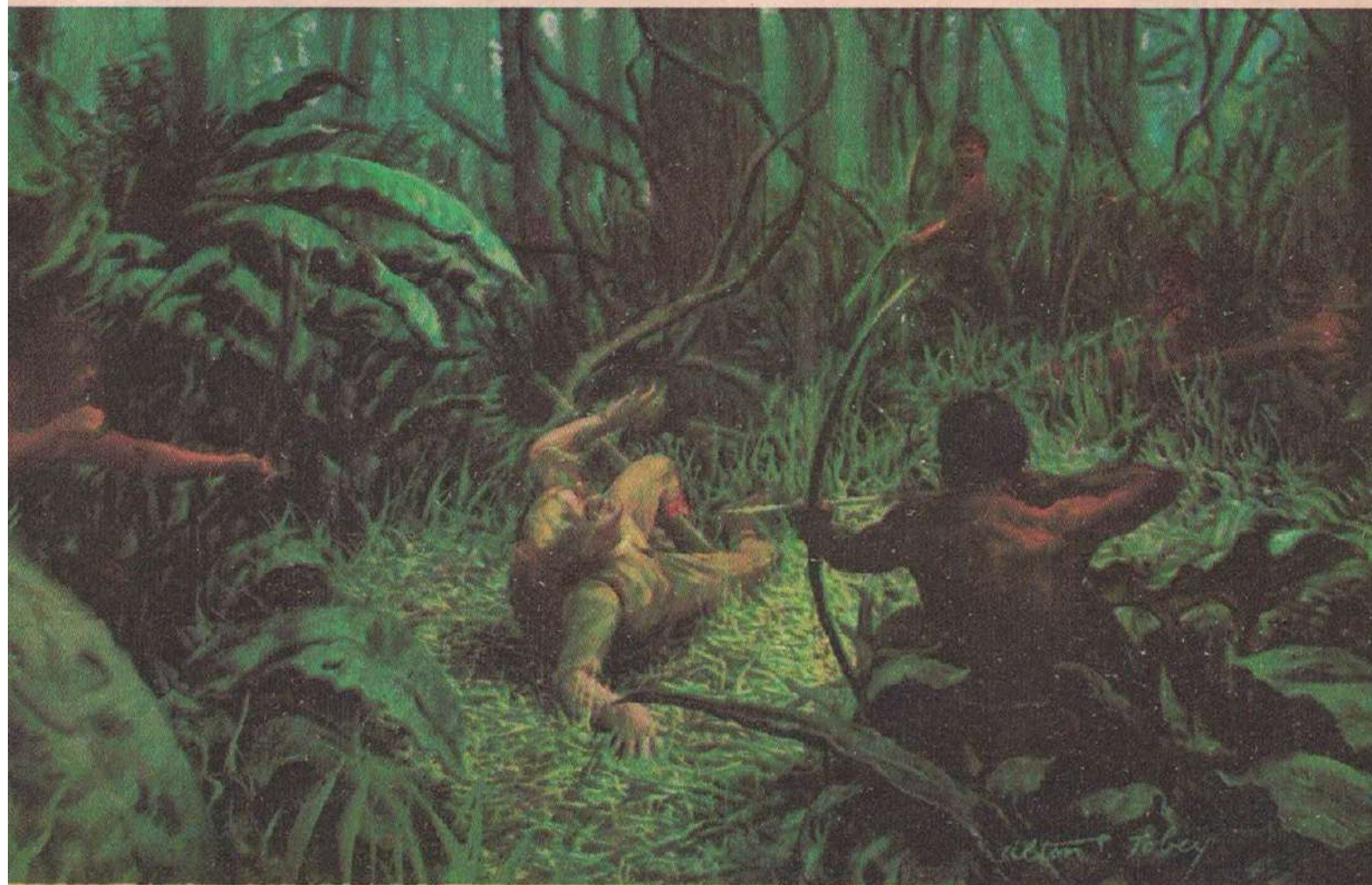
O fato de Bruce ter escapado com vida foi uma sorte também para os motilones—porque depois disso Bruce dedicou-se durante sete anos a ajudar os líderes mais moços dos motilones a passarem da Idade da Pedra para o início do século XX; e com paciência e dedicação infinitas levou alguns benefícios da civilização à tribo, ao mesmo tempo trabalhando para preservar seu modo de vida tradicional.

Bruce encontrou os motilones no momento exato. Com aproximadamente 10.000 indivíduos em 1930, segundo os cálculos, a tribo havia minguado para cêrca de 1.200 devido a doenças, má alimentação e devastação causada pela guerra constante

contra os brancos usurpadores. Bruce começou por introduzir novas culturas como milho, soja, côco, frutas, e em breve acabou com os temidos "três meses de fome". Conseguiu até que alguns motilones criassem porcos e gado.

Nenhum desses empreendimentos foi fácil, pois seria difícil imaginar criaturas menos adequadas aos ensinamentos de um homem branco. Até 1963 os motilones haviam matado ou ferido centenas de estranhos, inclusive mais de 250 empregados da Colombian Petroleum Co., filiada à Mobil Oil Corp. e à Texaco, Inc., em acampamentos instalados nas selvas. As turmas de perfuração e oleo-

duto construíam paliçadas de folhas de palmeira e troncos em volta de seus acampamentos e instalações. Os empregados eram transportados em veículos protegidos por telas de arame. Os geólogos que trabalhavam longe dos acampamentos iam protegidos com colêtes de cota de malha copiados das armaduras medievais e trabalhavam cercados de guardas armados. Os acampamentos da companhia de petróleo e os depósitos de provisões foram invadidos de noite, e qualquer pessoa apanhada fora da cerca alta era assassinada na certa. E a chacina não era unilateral. Possesiros da região organizavam caçadas aos índios e matavam homens,



mulheres e crianças motilones. Cada lado tinha portanto carradas de razões para temer e odiar o outro.

Gigantes? Pigmeus? Canibais? O homem que levou a paz a essa região conflagrada tem agora 28 anos de idade. É alto, magro, louro e usa óculos. Suas realizações entre os motilones parecem repousar numa combinação de inteligência, ataque direto aos problemas (para aprender sobre motores a gasolina, desmontou um motor, fez um diagrama de cada peça e montou-o novamente), energia incansável e um senso quase místico da missão que se impôs. Embora cristão devoto, Bruce não é missionário; diz simplesmente que estava "destinado a ir" ao encontro dos motilones.

Nascido na cidade de St. Paul, Estado de Minesota, segundo filho de um banqueiro de origem norueguesa e sua esposa sueca, Bruce foi educado como luterano. Menino estudioso, estudou grego e latim clássicos ainda no ginásio e se apaixonou pela língua da antiga Babilônia. Aos 19 anos entrou para o Serviço Venezuelano de Proteção aos Índios como lingüista e bacharelou-se em Lingüística na Universidade de Caracas, onde fez também um ano de Medicina Tropical. Em Caracas, leu o relatório de uma expedição à terra dos motilones que inflamou a sua imaginação. Em 1532 o brutal governador alemão da Venezuela, Ambrosius Alfinger, atravessou a Venezuela e a Colômbia até ao Rio Madalena, roubando, assassi-

nando e escravizando índios por onde passava. Na volta penetrou no território dos motilones, que o mataram e exterminaram sua expedição fortemente armada.

Bruce aprendeu o que pôde sobre os motilones, mas as informações eram confusas. Alguns diziam que eram gigantes, outros que eram pigmeus e outros ainda que eram brancos de olhos azuis. A maioria pensava que eram canibais. Depois da formatura, Bruce foi à procura deles sozinho.

Após seis dias seguindo as picadas quase invisíveis da floresta, encontrou aquêle primeiro motilon... e recebeu aquela flechada na perna. "De repente havia motilones por tôda a parte", recorda êle, "falando, rindo e cutucando-me com flechas. Um retirou a flecha da minha perna, arrancando um pedaço de músculo com ela. Fêz sinal para que eu me levantasse. Caminhamos depressa através da selva. Minha perna doía muito, mas se eu diminuía a marcha êles me espetavam com flechas. Depois de umas quatro horas, chegamos a uma enorme construção oval de estacas e fôlhas de palmeiras, de uns 30 metros de comprimento por 10 de largura. Empurraram-me para o fundo escuro da casa e lá me largaram."

Surpreendentemente, a ferida da perna de Bruce sarou sem infeccionar e os índios começaram a dar-lhe restos de comida. Êle ouvia atentamente o idioma estranho, como um cacarejo, e em breve o seu ouvido

treinado começou a perceber as palavras. Em dois meses êle já conseguia conversar precàriamente. Soube que os motilones acreditavam que os brancos eram canibais.

—Olhem para mim—disse êle.—Como o mesmo que vocês comem. Os brancos também pensam que vocês são canibais.

Os índios riram disso durante vários dias.

Jôgo Salgado. Bruce logo começou a simpatizar com os seus captivos, admirando o bem-humorado estoicismo com que aceitavam as dificuldades da vida. Mas êle estava sofrendo de disenteria amebiana e sabia que morreria se não tivesse tratamento médico. Uma noite, muito tarde, êle saiu escondido da casa dos motilones e começou a descer o rio. Dias mais tarde chegou cambaleante a um povoado da Colômbia, onde obteve tratamento médico. Assim que pôde andar viajou de caminhão e trem até Bogotá. Aí, com grande surpresa e frustração para êle, ninguém acreditou na sua história.

—Eu vivi com os motilones êstes últimos quatro meses—disse Bruce ao gerente-geral da Colombian Petroleum Company.

O homem olhou para êle mostrando claramente que não acreditava, e Bruce preparou-se para partir.

—Espere um pouco—disse o gerente.—Que deseja de nós?

—Apenas transporte e sal, facões, *panela* (açúcar mascavo) e remédios.

—Bem, eu não acredito em você—disse o homem da Colpet.—

Mas acho que podemos arriscar isso.

Um avião da Colpet levou Bruce e o material pedido até a uma pista de pouso na orla do território dos motilones. Daí, Bruce seguiu sozinho selva adentro, carregando os suprimentos nas costas. Construiu um abrigo de fôlhas de palmeira num ponto aprazível, mas desabitado, do local chamado Ikiakarora (“encontro de dois rios” em motilon). Dêse ponto partiam três picadas apagadas em direções diferentes na selva. Bruce seguiu-as até pequenas distâncias e deixou presentes no caminho ou amarrados em arbustos.

Semanas depois é que os presentes foram apanhados e só três meses depois foi que êle levantou os olhos um dia e viu cinco motilones em pé a poucos metros de distância, um dêles do grupo que o havia capturado anteriormente. Bruce ergueu as sobancelhas e acenou com a cabeça silenciosamente, na saudação grave e cortês dos motilones.

—Tenho coisas a lhes dizer—falou na língua dêles.—Há maneiras novas de curar os doentes, cereais para encher a barriga dos motilones. Não haverá mais fome.

Os índios concordaram em levá-lo de volta ao acampamento principal.

Bruce melhorou rapidamente seu conhecimento da língua e aprendeu mais sobre os costumes motilones. Diversas vêzes ofereceu um remédio de seu pequeno estoque, mas os curandeiros repeliavam a idéia.

—Você não é dos nossos—diziam.—Seus remédios não farão efeito.

Terramicina e Magia. Um dia, num remoto acampamento onde grassava uma epidemia de conjuntivite, Bruce passou o dedo no olho supurado de um índio, depois esfregou-o nos próprios olhos. Dentro de dias seus olhos começaram a arder, a lacrimejar e purgar. Procurou a curandeira.

—Cure-me—pediu.

Ela realizou o ritual de encantamento, mas os olhos de Bruce pioraram. Finalmente, êle entregou-lhe um tubo de pomada de Terramicina.

—Experimente isso com sua mágica—disse êle.—Juntos farão efeito.

Ela espalhou a pomada nos olhos de Bruce enquanto entoava o seu encantamento. No dia seguinte e no outro, ela repetiu o tratamento. Os olhos de Bruce melhoraram rapidamente. A curandeira experimentou a combinação nos índios e todos ficaram curados.

Pouco tempo depois, Bruce contraiu hepatite, e mais uma vez teve de voltar à civilização. Curou-se depressa, e quatro semanas depois voltou à selva com mais suprimentos fornecidos pela companhia de petróleo.

—Êstes presentes são dos “cabeças-duras” (era assim que os motilones chamavam os trabalhadores do petróleo com seus capacetes de alumínio)—disse êle.—Querem ser amigos.

Parece que os convenceu. Quando quatro índios muito doentes foram levados a Ikiakarora, Bruce persuadiu-os a irem com êle ao campo dos

“cabeças-duras” para tratamento. Uma semana depois êle conduziu os índios curados, carregados de presentes, de volta a seu pòsto para uma grande reunião com a tribo dêles.

Depois recebeu um convite para levar um motilon a visitar o Presidente da Colômbia, Guillermo León Valencia. Bruce escolheu Arabadoykadura, filho do chefe.

—Você vai conhecer o homem mais importante de todo o país—disse Bruce ao rapaz.

—Quando nos encontrarmos—respondeu Arabadoykadura—diga-lhe que meu pai também é rei no país dêle.

Arabadoykadura foi um sucesso total, portando-se com grande dignidade no encontro com o Presidente, com ministros de Estado e com jornalistas. Impressionado, o Dr. Gregorio Hernández de Alba, chefe do Serviço Colombiano de Proteção aos Índios, nomeou Bruce conselheiro honorário do serviço. O govêrno deu-lhe sementes e 500 mudas de diversas árvores frutíferas tropicais, que o Exército entregou por helicóptero. O intercâmbio florescia. A companhia de petróleo tratava todos os índios doentes que Bruce lhe levava e ministrou preparo hospitalar a um dos pajés. Os motilones convenceram-se de que todos os brancos eram amigos.

Mas surgiram dificuldades de outro setor. Caboclos do interior que não possuíam terras começaram a penetrar no território índio ao longo do Rio do Ouro. Os motilones pre-

paravam-se para iniciar a guerra novamente. Bruce apelou para o Governô colombiano.

—Eu disse aos motilones que o homem branco queria ser amigo—disse êle.—Agora os posseiros estão atirando nos índios e roubando suas ferramentas e plantações. É preciso fazer alguma coisa.

O Exército expulsou os posseiros, e os índios acalmaram-se novamente. Enquanto isso Bruce insistia com o Governador do Estado, Lora Hernández, para transformar o território tradicional dos motilones em reserva índia. O Governador encaminhou a petição ao Presidente Valencia, que em 1.º de março de 1965 assinou a Lei 135, atribuindo a área aos motilones para sempre e proibindo o estabelecimento de estranhos.

A Chave. Hoje, helicópteros da Colpet e do Exército entregam regularmente medicamentos e equipamentos nos remotos postos de saúde de Bruce. Lá, os curandeiros, com seu treinamento nôvo, podem tratar de qualquer doença comum e chamar Bruce só em casos de epidemia

ou emergência. Mas, de dois em dois meses, Bruce faz a pé a árdua viagem de Ikiakarora para inspecionar as condições de saúde na região e atualizar seus registros sôbre a produção de alimentos e sôbre a saúde. Pelo fim de 1968, com a cooperação dos curandeiros, mais de metade de tôda a população motilon estava vacinada contra varíola, sarampo, difteria, tifo, febre amarela e poliomielite.

Bruce deseja voltar um dia à universidade e se doutorar em Lingüística. Mas não deixará os motilones enquanto não tiverem progredido até ao ponto de poderem usar as vantagens da civilização sem serem esmagados por ela. Foi para êsse fim que êle já criou um alfabeto e imprimiu uma cartilha motilon. Bruce acha que a chave da defesa dêles é a educação—a qual, com suas escolas e dois professôres em treinamento, êle tem tentado levar avante.

—O dia mais feliz de minha vida—disse-nos quando estivemos com êle em Ikiakarora—será quando os motilones puderem ler a história de sua tribo em sua própria língua.



Saudades

UM ESTÚDIO de gravações de Nova York recebeu pedido aflito que levou uma de suas equipes a Times Square. A cacofonia gravada de freios de táxis, apitos de polícia, roncões de motores e buzinas de automóveis foi enviada às pressas, por mensageiro especial, para um sossegado repouso nas montanhas. Um importante magnata de cidade grande estava ficando alucinado por não ouvir nada da janela de seu quarto, a não ser grilos.

—Walter Ian Fischman, em *Popular Mechanics*